

Santuário de Nossa Senhora de Fátima

Diocese de Marília

Rua Antônio Rodrigues de Barros - 224 - Vila Barros - Dracena – SP

CEP. 17900-000 Caixa Postal 43 - Fone: 18 3821-1113

E-mail: santuariodefatinmaa@gmail.com

CURSO BÍBLICO 2024/04

OS PROFETAS DE ISRAEL

ELIAS - Heb ELIYAHU (“Meu Deus é Yahweh”)

ELISEU - Heb. ELISA (“Deus é salvação”)

OS PROFETAS DO PERÍODO ASSÍRIO (880 - 605 a.C.)

1. JONAS (Ab)
2. ISAÍAS (Is)
3. AMÓS (Am)
4. MIQUEIAS (Mq)
5. OSÉIAS (Os)
6. SOFONIAS (Sf)
7. NAUM (Na)

OS PROFETAS DO PERÍODO BABILÔNICO (605 - 539 a.C.)

1. JEREMIAS (Jr)
2. ABDIAS (Ab)
3. HABACUC (Hab)
4. DANIEL (Dn)
5. EZEQUIEL (Ez)

OS PROFETAS DO PERÍODO PERSA (539 - 334 a.C.)

1. AGEU (Ag)
2. JOEL (Jl)
3. ZACARIAS (Zc)
4. MALAQUIAS (Ml)
5. JONAS (Jn)

ESTUDAREMOS SOBRE:

1. O RELACIONAMENTO ENTRE DEUS E O POVO NA LINGUAGEM DO AMOR ESPONSAL NOS LIVROS PROFÉTICOS
2. AS PROFECIAS MESSIÂNICAS
3. OS 4 CANTOS DO SERVO

1. O RELACIONAMENTO ENTRE DEUS E O POVO NA LINGUAGEM DO AMOR ESPONSAL

- 1.1. A CRIAÇÃO E A VOCAÇÃO DE CADA HOMEM: Gên.1,2
- 1.2. PASSEI JUNTO DE TI: Ez 16
- 1.3. O BEIJO: ÊXTASE DO AMOR (Cântico dos Cânticos).
- 1.4. O CASAL NO JARDIM DE ÉDEN (Gn e Ct)
- 1.5. A VOZ DO ESPOSO E DA ESPOSA (Gn e Ct)
- 1.6. A ALIANÇA ENTRE O ESPOSO E A ESPOSA (Ct)
- 1.7. A VIRGINDADE, TEMPO DE ESPERA (Já e ainda não)
- 1.8. A INFIDELIDADE- A EXPERIÊNCIA DO EXÍLIO - O AMOR ETERNO

Os profetas, maioria das vezes, usam uma linguagem do amor de um casal para falar do relacionamento e do comprometimento entre Deus e o seu povo, Israel. Os livros proféticos nos apresentam a contínua fidelidade de um Deus esposo diante da contínua infidelidade de um povo esposa. Por outro lado, toda bíblia, do início até o final, apresenta esta linguagem amorosa do casal, do seu amor, da sua vocação e da sua felicidade, e, este, seja o casal como homem e mulher seja o casal como Deus e o Povo. O autor inspirado pelo Espírito, usa a linguagem humana para falar de Deus já que o homem entende a sua linguagem e não a de Deus. Deus sabe que a única linguagem que é capaz de entender e mudar um coração duro é o amor esponsal.

A criação mesmo é o sair do Verbo, do Filho de Deus, do seio do Pai ao encontro da sua criatura. O Filho de Deus é o primeiro exemplo para o casal de Gn 2,24. Ao ver a mulher se o homem exclamou: “Esta sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne”, muito mais o Filho de Deus, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, tem direito de exclamar ao ver o Adão, o homem, criado à sua imagem e a sua semelhança: “Esta sim, osso do meu osso e carne de minha carne”, pois ele é feito à minha imagem e à minha semelhança”, embora o mistério da Encarnação acontece após séculos, na plenitude do tempo (Gl 4,4), como diz São paulo: “quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob a Lei, para remir os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial”.

A plenitude da criação está no homem e na mulher criados à imagem e semelhança dele (Gn 1,27; 2,7) No cap.1 pela Palavra e no cap.2 ao modelar de barro Deus “insuflou (soprou) em suas narinas um hálito de vida”.

Ela nasce dele, um é atraído para outro, um deixa tudo para outro e se unem tornando-se uma só carne.

E a Bíblia termina com o casal: **Ap.21:** O Cordeiro e a Esposa: os dois continuamente invocam: a esposa: “Vem” e o Esposo: “Eis, Venho!”.

E ao longo desta caminhada bíblica, Deus expressa seu amor ao seu Povo usando a linguagem do casal na fidelidade e na infidelidade e assim encontramos expressos fortemente em alguns livros como Êxodo, Oséias, Ezequiel, Cantico dos Canticos etc.

E no NT Jesus mesmo se apresenta como o noivo, como o Esposo do novo Povo (Mc 2,19). E o Reino de Deus é comparado com o casamento que o rei preparou para seu Filho (Mt 22,2), as 10 virgens que estavam esperando para a chegada do Esposo (Mt 25,1) e isso até ao livro de Apocalipse onde a Jerusalém celeste, é a Esposa, adornada para receber o seu Esposo, o Cordeiro. (Ap 21,2).

São Paulo, após ter falado de Gn 2,24 diz: “este mistério é grande: digo isso em referência a Cristo e a sua Igreja” (Ef 5,32). “O mistério” que Paulo diz aqui é o matrimônio, união físico-espiritual do homem e da mulher projetado por Deus. A Igreja é o Corpo de Cristo, e ao mesmo tempo ela é sua Esposa.

E Paulo na sua carta recomenda aos casais: “amem-se uns aos outros como Deus amou o seu povo Israel e como Cristo amou a sua Igreja” Ef 5, 25-31. Assim o amor de um casal tornou-se o exemplo para o amor entre Deus e o seu Povo e, o amor de Deus para seu Povo tornou-se o exemplo para o casal, homem e mulher. Um aprende do outro como se deve amar, perdoar, recomeçar sendo fiel até ao fim. Uma é a escola para outra. E ainda, se Jesus falou: “nesta vida casa, tem filhos etc... mas na eternidade todos serão como os anjos” Mc 12, 25, a relação matrimonial entre o homem e a mulher cessa aqui na terra e o amor esponsal entre Deus e criatura humana permanece na eternidade, pois na eternidade Ele, o Cordeiro servirá sua Esposa e ela vá aonde quer que Ele vá (Ap 14,4).

1.1. A CRIAÇÃO E A VOCAÇÃO DE CADA HOMEM (Gênesis 1,2)

O Gn 2,24 apresenta a criação do homem e da mulher, e o sentido antropológico de cada homem, de cada mulher, do seu relacionamento vocacional: atração de um para outro. Deus nos criou assim!

É o primeiro êxodo do homem e da mulher: Os dois necessariamente fazem um êxodo, uma viagem de “lua de mel” para celebrar o amor, os dois devem sair dos laços familiares, dos primeiros laços, e devem-se unir para celebrar o amor .

O berço onde o homem foi colocado:

E, tem um jardim rico (Gen 2,7-9) que tem 4 rios e o homem é colocado aí dentro (2,15). Tudo o que eles precisam para sobreviver tem já aí à sua disposição. Como uma mãe prepara o berço da criança ainda antes de seu nascimento assim Deus Pai preparou tudo antes de ali colocar sua criatura amada .

Estas duas criaturas, diferente de tudo o que Deus criou, são tão estranhas, feitas de barro e de Deus: O homem é da terra, mas colocado no jardim após ter preparado seu berço e, em vista dele que foi criado tudo. Ou seja, ele é o cantor da criação. E ele vem apresentado como um rei soberano que dá o nome a todos (dar o nome na Bíblia tem o significado de poder máximo sobre o outro), mas é

um senhor, um rei criado pelo barro. Homem, em hebraico, Adam e Terra em hebraico é Adama; Adam provém de Adama.

Não somente o homem provém da terra, mas ele é terra. Como Ele fez os animais de terra fez também o homem de terra.

E segundo Gn 1, Ele fez tudo no mesmo dia em que foram criados os animais. Não tem um dia particular para o homem. É estranho. Para os peixes, répteis animais tem um dia especial, mas para o homem não tem um dia particular. E ele compartilhou a mesma bênção dos animais: “Crescem e se multipliquem”, porém, ele é imagem de Deus.

Em Gn 2 a mesma coisa: o homem é senhor do criado, mas ele é pó e animal. As narrações nos trazem duas realidades totalmente difíceis de entender a reconciliação. Ele é igual aos animais, mas também igual a Deus. Ele é barro, mas também, ele é a imagem de Deus. Cada casal tem estes dois lados: a fidelidade e a fragilidade, as virtudes e os vícios, a humanidade e a divindade...

O alimento deste casal:

No amor deste casal entrou uma lei, comer da árvore: uma lei para os dois obedeceram: (Gn 2,15-17): Podem comer de todas as árvores, inclusive a árvore da vida (v.9) menos de uma, que é árvore do conhecimento. Todas as árvores são formosas de ver e boas de comer e eles não precisam ser conhecedores de tudo, igual a Deus.

O conhecimento do bem e do mal, segundo a Bíblia, significa o conhecimento total. Como diz: “vida e morte”, entrar e sair, bem e mal é a mesma coisa, significa a totalidade, não em nível moral, ético, mas no sentido metafísico, existencial, é a realidade inteira, em todas as dimensões do bem e do mal, do bom e ruim, do sofrimento e felicidade. Conhecer assim significa tornar-se princípio. Pois o conhecimento não é simplesmente ter inteligência, mas possuir o segredo do que conhece, ter a chave de toda existência. Isso compete a Deus e não ao homem que é de terra.

E este comando vem dado ao homem, exatamente porque ele acolhendo a sua verdade de ser “criado” possa conviver com Deus em comunhão. O único modo de poder conviver com Deus é reconhecer a sua diferença de ser criado e Ele, o Criador.

A mesma coisa acontece no relacionamento entre o homem e a mulher. Cada um deve reconhecer que o outro é diferente. Neste reconhecimento do outro que é “um ser diferente” que nasce a comunhão. Se não, tem confusão, tem o plágio, a dependência anula a pessoa.

E o texto não proíbe de comer da árvore da vida. O homem sabe que se ele quer sobreviver deve comer da árvore da vida. Ele sem Deus, sem árvore da vida não tem vida. Por isso, em Jerusalém celeste o Ap vai colocar à disposição por 12 meses o fruto desta árvore (Ap 22,2).

Na mesa da refeição que o casal se revela, se conhece mutuamente, porém sempre o outro permanece como um mistério! O relacionamento do casal é um eterno revelar-se e descobrir-se, pois ninguém tem direito nem

possibilidade de ter conhecimento total do outro. Sempre permanece um cantinho do outro onde ninguém tem acesso: o santuário da consciência.

Não é bom que ele esteja sozinho:

Mas a vida não é completa até quando ele está sozinho. Ele precisa de um ser igual a ele, da mesma espécie. Por isso o animal não basta para ele. Pois os animais são cada um segundo sua espécie, o homem precisa de sua espécie. O homem chega à sua plenitude quando reconhece outro, a mulher, segundo sua espécie. Então Gn 2,22-25:

“Depois, da costela que tirara do homem, lahweh Deus modelou uma mulher e a trouxe ao homem. Então o homem exclamou: "Esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne! Ela será chamada 'mulher', porque foi tirada do homem! Por isso um homem deixa seu pai e sua mãe, se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne. Ora, os dois estavam nus, o homem e sua mulher, e não se envergonhavam.

Não entende aqui o relacionamento meramente sexual, mas que vivem juntos reconhecendo a alteridade, a diferença entre si. O relacionamento entre si é muito além do simples relacionamento sexual.

Sejam uma só carne: A humanidade torna-se tal somente quando sabe reconhecer reciprocamente o homem e a mulher, sozinhos incompletos. São dois seres diferentes, mas um pertence ao outro, faz parte do outro; a separação, a diferença é para comunhão.

A mesma expressão podemos ver por exemplo: quando Jacó chega na casa de Labão e, o tio lhe disse: "Sim, tu és de meus ossos e de minha carne!" E Jacó ficou com ele um mês inteiro. Gn 29,14;

Na coroação do rei Davi, “Então todas as tribos de Israel vieram ter com Davi em Hebron e disseram: "Vê! Nós somos dos teus ossos e da tua carne. Assim Israel disse a Davi: (2 Sam 5,1-3).

Aqui a expressão *osso do meu osso e carne da minha carne* não é simplesmente um parentesco, mas é um assumir reciprocamente, é um pertencer indissolúvel, não separável de um com outro e que tal comunhão profunda abre à fecundidade.

E a mulher foi tirada do homem. Em hebraico, ela se chamará “**Ishá**” pois foi tirada do “**Ish**”. Os dois têm a mesma natureza, a mesma dignidade e o mesmo destino.

Reconhecendo um ao outro, deixando o pai e a mãe, se unem e se tornam uma só carne e abrem-se à fecundidade. O filho é símbolo do perene fruto do amor dos dois. É o primeiro êxodo do homem e da mulher: deixar o pai e a mãe para abraçar uma nova família.

Na realização de qualquer vocação, seja na vida matrimonial, que na vida sacerdotal e religiosa precisa acontecer esta saída da casa paterna e abraçar um novo berço, uma nova casa e um novo laço.

A totalidade no relacionamento:

No matrimônio, doar-se nu um ao outro é confiar-se totalmente um para outro, onde não se tem mais o medo do outro. Não tem mais “meu” e “teu”, não tem mais a parede de separação. Na nudez não tem vergonha (Gn 2,25), é expressão do amor, da doação de si total de um para outro, onde tudo é em comum, uma só carne.

Quando não tem a aceitação da “diferença”, não tem também a comunhão. Satanás quando apresenta a opção de comer do fruto da árvore proibida, o motivo que foi colocado era exatamente: “se comerdes vão tornar-se como deus”. Ou seja, não precisa mais sentir-se diferente de Deus, mas igual a Deus. É o pecado de Caim (Gn 4). Ele não quis reconhecer no irmão o outro, mas manipulou-o usando como lhe convém. Assim sufocou ele, querendo aniquilar o outro, permanecendo sozinho. Caim não quer aceitar a diferença de Abel e o assassina. Caim permanece só, negando o diverso, e ele não é mais o irmão de ninguém.

Quando quebrou a comunhão, quando não consegue mais olhar o outro como mistério dado por Deus, para ser respeitado e amado, quando começou a jogar em cima do outro a própria culpa, como consequência, a nudez (até então era sinal da comunhão) tornou-se causa de vergonha, causa de distanciamento, causa de morte .

A vida religiosa é expressão máxima do amor, a vida fraterna é um exemplo para a vida de um casal e, é a realização do sonho de Deus sobre o homem e a mulher. Na vida fraterna a pessoa reconhecendo o outro “diferente”, mas a imagem e semelhança de Deus, o ama, o respeita e se coloca ao serviço do outro. Pois “o outro” é segundo sua espécie criado e doado por Deus. São Francisco por isso dizia no início do seu Testamento: : “Deus me deu irmãos” e eu não os escolhi.

Na vida fraterna, os dois - eu e outro -, comem cotidianamente da árvore da vida e não pretendem de saber de tudo (a árvore do conhecimento) e eles se submetem à obediência deixando Deus fazer acontecer no tempo certo, no lugar certo, o que Deus quer que façam. A pessoa consagrada não é conhecedora de tudo, da causa, do princípio e do fim e por isso se submete a Deus, ao Tempo, à Obediência. Não tem projeto próprio, mas espera chegar do alto para obedecer imediatamente. O voto da obediência é este abandonar-se à vontade de Deus que sempre trará as surpresas alegres e, não a manipulação do outro.

É bom diante deste capítulo sempre agradecermos a Deus pelo próprio Corpo, com todos os seus sentimentos, lutas, falhas, feridas e vitórias. Embora algumas vezes abundou em nós o nosso barro, superabundou a imagem e semelhança de Cristo. E é bom lembrarmos também no silêncio do coração, aquelas atrações humanas que foram envolvendo as várias faixas etárias da nossa vida, e ver nelas as marcas do crucificado e ressuscitado, sendo nós a imagem e semelhança dele!

1.2. PASSEI JUNTO DE TI: Ezequiel 16

Tem um Amor que nos acompanhou desde nossa Infância e Adolescência:

"No dia do teu nascimento, teu cordão umbilical não foi cortado; não te banharam com água para te purificar, não te untaram com sal, nem te enfaixaram. ... Passei junto de ti e te percebi banhada em teu sangue... Cresceste. Ficaste moça. Teus seios se formaram, veio-te o pêlo. Mas estavas nua, inteiramente nua.... Ao passar junto de ti, eu te vi ...Fiz com que crescesses como a erva do campo. Cresceste, te fizeste grande, chegaste à idade núbil. Os teus seios se firmaram, a tua cabeleira tornou-se abundante, mas estavas inteiramente nua.⁸Passei junto de ti e te vi. Era o teu tempo, tempo de amores, e estendi a aba da minha capa sobre ti e oculteí a tua nudez; comprometi-me contigo por juramento e fiz aliança contigo e tu te tornaste minha.

⁹Banhei-te com água, lavei o teu sangue e ungi-te com óleo. Cobri-te com vestes bordadas, calcei-te com sapatos de couro fino, cingi-te com uma faixa de linho e te cobri com seda. ¹¹Eu te cobri de enfeites: pus braceletes nos teus punhos e um colar no teu pescoço; pus uma argola no teu nariz e brincos nas tuas orelhas e um belo diadema na tua cabeça..Tu te enfeitaste de ouro e prata; os teus vestidos eram de linho, seda e bordados. Alimentavas-te de flor de farinha, mel e azeite. Assim te tornavas cada vez mais bela, até assumires ares de realeza.

¹⁴A tua fama se espalhou entre as nações, por causa da tua beleza que era perfeita, devido ao esplendor com que te cobrias, oráculo do Senhor lahweh.

¹⁵Puseste a tua confiança na tua beleza e, segura de tua fama, te prostituíste, prodigalizando as tuas prostituições a todos os que apareciam.

¹⁶Tomaste dentre os teus vestidos e com eles fizeste lugares altos e de várias cores e aí te prostituíste. Tomaste os teus enfeites de ouro e prata, que eu te dera, e com eles fabricaste imagens de homens, com os quais te prostituíste. Tomaste também os teus vestidos bordados e as cobriste. Ofereceste o meu azeite e o meu incenso diante delas.

¹⁹O pão que te dei — a flor de farinha —, o azeite e o mel com que te alimentei, tu os ofereceste diante delas como um perfume destinado a apaziguá-las. Sucedeu que tomaste os teus filhos e as tuas filhas que me tinhas dado à luz e os imolaste a elas, a fim de que os comessem. Seria isto menos grave do que as tuas prostituições?

²¹Mataste os meus filhos e os fizeste passar pelo fogo, oferecendo-os a elas. No meio de todas as tuas abominações e prostituições não te lembraste da tua juventude, quando estavas completamente nua, a debater-te no teu sangue. Mas para cúmulo de toda a tua maldade ai! ai de ti! edificaste para ti uma colina, fizeste para ti lugares altos por toda parte. ²⁵Por todas as tuas ruas ergueste lugares vastos, a fim de profanares a tua beleza e exhibires as tuas coxas a todos os passantes. Deste modo multiplicaste as tuas prostituições. Tu te prostituíste com os egípcios, teus vizinhos corpulentos, multiplicando as tuas prostituições para me encheres de mágoa".Ez 16,1-26

****** No tempo da adolescência e juventude, quando começou aparecer as mudanças no nosso corpo, na nossa psicologia, passamos entre sentimentos humanos e divinos, atrações humanas e divinas, sonhos eróticos e ao mesmo tempo atrações para dedicar sua vida às coisas de Deus e da Igreja. Fomos uma mistura de barro e de imagem de Deus! Mas Ele prevaleceu em nós. Ele nos possuiu ao final. Por isso estamos aqui hoje.

Os padres da Igreja vê neste capítulo os sacramentos iniciais com que o Filho do homem nos lavou, nos ungiu e nos vestiu e nos adornou: a água do batismo que nos lavou, o óleo perfumado com que nos ungiu na crisma, o pão, fruto do trigo com que nos alimenta e sacia cada dia, as virtudes teologais com que nos adornou no batismo e as virtudes humanas com que nos fez amadurecer no sacramento da crisma etc.

O banho nupcial (perfumado) antes do banquete nupcial fazia parte dos casamentos orientais. É o que fez Jesus com seus discípulos (Jo 1) e Maria na casa de Betânia aos pés de Jesus (Jo 12).

O batismo é o nosso banho nupcial para sentarmos com o noivo na mesa nupcial da Santa Missa. Somos ungidos por óleo perfumado (óleo da crisma) após o Banho Batismal. Por isso ele disse: “este é meu corpo”, “este é meu sangue”. Tomai e comei. O corpo de Jesus e o corpo nosso se unem num só na Eucaristia, na Sagrada Comunhão. É o verdadeiro matrimônio!

A Eucaristia é o verdadeiro amor celebrado entre Deus e a humanidade e por isso chamamos a Sagrada Comunhão. Sim, ele retirou o pobrezinho do lixo, deu-lhe o banho, para fazê-lo assentar-se com os nobres (Sl 112).

E ele nos encheu com as virtudes teologais e cardeais, ele nos deu a fé, ele nos deu a esperança, ele nos deu a força para exercitar a caridade, ele nos deu a graça do entendimento da Palavra, ele nos deu a fé na Igreja, nos seus ensinamentos... e assim quantas jóias ele nos deu e quantos braceletes, pulsos, colares e brincos!

Escrevia **Sta Clara** numa das suas cartas à rainha Ìnes: “Preferistes abraçar com todo o afeto de alma e coração a santíssima pobreza, escolhendo um esposo de linhagem mais nobre, o Senhor Jesus Cristo, que guardará imaculada e incólume a vossa virgindade. Amando-O, sereis casta, abraçando-O, ficareis mais pura, acolhendo-O, sereis virgem. O seu poder é mais forte, a sua generosidade, mais excelsa, o seu aspecto, mais formoso, o seu amor, mais suave, e as suas graças de maior encanto. Ele vos segura em seus braços, e ornamenta de pedras preciosas o vosso peito, e enfeita de jóias inestimáveis as vossas orelhas, e vos envolve de pérolas cintilantes, coroando-vos com a coroa de ouro, marcada com o sinal da santidade” (1CtCl-Fontes Franciscanas).

1.3. O BEIJO: ÊXTASE DO AMOR (Cântico dos Cânticos).

No Cântico dos Cânticos o amado e a amada se contemplam reciprocamente: Os Padres da Igreja aplicaram este texto ao amor de Cristo com sua Esposa, a

Igreja e, o amor de Deus para com seu povo Israel, assim como interpretavam os judeus.

Neste contexto é bom a gente contemplar como nós sugamos do seio da Igreja o leite e o vinho! Como a Santa Igreja colocou à nossa disposição os seus seios a fim de alimentarmos dela e entrarmos na êxtase de amor divino e humano!

“ Ah! Beija-me com os beijos de tua boca! Porque os teus amores são mais deliciosos que o vinho, e suave é a fragrância de teus perfumes; o teu nome é como um perfume derramado: por isto amam-te as jovens. Arrasta-me após ti; corramos! O rei introduziu-me nos seus aposentos. Exultaremos de alegria e de júbilo em ti. Tuas carícias nos inebriarão mais que o vinho. Quanta razão há de te amar! Arrasta-me após ti; corramos! O rei introduziu-me nos seus aposentos. Exultaremos de alegria e de júbilo em ti. Tuas carícias nos inebriarão mais que o vinho. Quanta razão há de te amar!” Ct 1, 1-4

O beijo é expressão do amor, da doação de si e da entrega total de um para outro. No seu sentido original, é um ato puro, sagrado do amor recíproco. Infelizmente nós banalizamos muitos dos nossos atos sagrados meramente em sexo! Ao beijar uma criança ninguém tem malícia!

A Sagrada Comunhão, para muitos santos, era o beijo e o matrimônio do Esposo com sua Esposa, assim como vimos no evangelho de São João (Jo 12). Dizia o beato **Charles de Foucauld**: “Na Sagrada Comunhão, Deus entra em nós, corporalmente; tocamos com nossa boca o Corpo de Jesus, como o tocaram os lábios de Maria, de José, de Madalena; entra em nós como repousou no seio de Maria; Ele se une a nós pelo mais casto dos matrimônios, chegando a ser o Divino Esposo das nossas almas, dando-se, entregando-se, abandonando-se para que possamos possuí-lo e amá-lo no tempo e na eternidade. A Eucaristia é Jesus Menino estendendo-nos os braços em seu berço para se oferecer a nós e pedir-nos um beijo...”

E **Sta Tereza d’Avila** dizia comentando o Cântico: “Beije-me com o beijo de sua boca” que essa é uma graça tão grande, que a alma mal pode suportar estar assim tão próxima de seu Senhor. Tendo a certeza de que ele a ama.

Dizia **Sta Terezinha** lembrando do dia da sua Primeira Comunhão: “Ah! Como foi doce o primeiro beijo de Jesus à minha alma”. Foi um beijo de amor, sentia-me amada e dizia também amo-vos, dou-me a Vós para sempre...”. Momento profundo, marcante para seu coração de criança que se sente inundado pela presença de Jesus.

Comentando o Ct dizia **Christian de Chergé**¹ :

“A eucaristia nos ensina que todo o corpo é sacramento. Por isso, não há nada de vulgar naquilo que o corpo é, diz ou faz. Abramos a Bíblia: Há o beijo de Maria Madalena, que scandaliza os judeus. Nós também podemos estar do lado daquela que dá o beijo ou do lado daqueles que se scandalizam, ou talvez também do lado daquele que recebe o beijo.

¹ Christian de Chergé foi monge cisterciense francês, mártir (1937-1996), assassinado junto com sete monges trapistas na Argélia, em 1996.

Há o beijo de Judas. O beijo de Judas é um beijo destinado a encerrar uma história de amor, enquanto que, por si só, o beijo seria feito para abrir e para estipular um pacto de amor. Ao beijo de Judas respondeu o beijo de Jesus que parece lhe dizer: não é você que pode fechar, com sua iniciativa, a seu modo, uma história que o meu Pai começou e que Eu quero continuar.

Na Trindade, o Espírito é o beijo do Pai ao Filho, e do Filho ao Pai.

No comentário talmúdico à morte de Moisés, há uma expressão magnífica. Diz-se que, quando Moisés se pôs nas mãos de Deus, no limiar da Terra Prometida na qual ele não poderá entrar – porque a única terra prometida em que ele pode entrar é outra – Deus vem, se estende sobre Moisés e, com um beijo, aspira-lhe a alma. Deus retoma em si o que lhe deu ao criá-lo. Se a morte pudesse ser simplesmente assim, seria bonito!"

OS SEIOS: “Os teus dois seios são como dois filhotes gêmeos de uma gazela pastando entre os lírios”.Ct 4,5:

Sto Agostinho via aqui o peito da Mãe Igreja que nutre seus filhos através do sacramento do Batismo e da Eucaristia.

E muitos outros Padres interpretavam os dois seios como o AT e NT. “os seios da Igreja contém o leite e o vinho, o leite para os simples e o vinho para os sábios e esses facilitam a contemplação divina e nos conduzem a um estado de êxtase, alegram o coração e doam a sabedoria”.

E **São Orígenes** via nos dois seios a divindade e a humanidade de Jesus.

“Ora, eu sou um muro, e meus seios são como torres; por isso sou aos seus olhos uma fonte de alegria” Ct. 8,10.

“Enquanto o rei descansa em seu divã, meu nardo exala o seu perfume; meu bem-amado é para mim um saquitel de mirra, que repousa entre os meus seios... (Ct 1,13)

Quantas vezes a Palavra de Deus foi um muro, umas torres de proteção, um lugar de descanso para nós!

1.4. O CASAL NO JARDIM

A bíblia começa e termina num jardim onde tem um casal (Gn 2,9-10 e Ap 21) E no meio da Bíblia, temos o poema ‘Cântico dos Cânticos’ para dar o sabor aos demais textos. “Já vim ao meu jardim, minha irmã, noiva minha, colhi minha mirra e meu bálsamo, comi meu favo de mel, bebi meu vinho e meu leite. Comei e bebei, companheiros, embriagai-vos, meus caros amigos! (Ct 5,1).

Na verdade, no Cântico dos Cânticos, encontramos o jardim de Éden (Gn 2), com suas plantas, flores e frutos mais deliciosos, tornando-se um símbolo da união entre o homem e a mulher. A palavra “paraíso” não encontramos em Gênesis e sim aqui.

Ele disse à sua esposa: “És jardim fechado, minha irmã, noiva minha, és jardim fechado, uma fonte lacrada. Teus brotos são pomar² de romãs com frutos preciosos: nardo e açafraão, canela, cinamomo e árvores todas de incenso,mirra

² Pomar na língua persa usa-se como *pardes* (Ecl 2,5) significa paraíso.

e aloés, e os mais finos perfumes. A fonte do jardim é o poço de água viva que jorra, descendo do Líbano! (4,12-14).

Na imagem poética deste casal (4,12-5,1) podemos ver o diálogo entre Deus e o povo, os dois protagonistas do poema bíblico. O amante é inspirado a cantar a beleza de sua esposa com a imagem de um jardim onde transborda uma fonte e um pomar, transformando o canto do marido em um dueto com sua esposa. O jardim é cercado por uma piscina e focas, escondido dos estranhos (4,12) e é fechado até que a noiva o abra ao seu amado (v.16) para as núpcias, mostrando assim a fidelidade da noiva com seu noivo. A intimidade não deve ser violada, mas apenas dada por amor. (Ver: Pr 5,17-21). Quando no jardim do antigo Eden (Gn 3) o casal abriu a porta para um estranho (a serpente) acabou o amor entre si! Para o homem, a mulher é como uma fonte de água rica e muito fresca, alimentada pelas torrentes libanesas.

O hagiógrafo faz tal comparação mostrando-nos o panorama desolador da terra de Israel. No caminho árduo, acidentado e desolado da vida, o amor é como um poço que se alcança para ser dissecado e revigorado. O jardim “paradisiaco” é como um útero fértil, como um refúgio de paz e como um oásis que oferece frutas e bebidas muitas vezes remete os leitores judeus e cristãos do Cântico dos Cânticos a Sião. A cidade de Jerusalém estava sobre um monte árido e pedregoso, mas, o salmista canta como um jardim perfeito no qual Deus acolhe o homem e o enche de coisas boas e consolações (Salmo 46).

“E por isso não tememos se a terra vacila, se as montanhas se abalam no seio do mar; se as águas do mar estrondam e fervem, e com sua fúria estremecem os montes. (Iahweh dos Exércitos está conosco, nossa fortaleza é o Deus de Jacó!)

Há um rio, cujos braços alegram a cidade de Deus, santificando as moradas do Altíssimo. Deus está em seu meio: ela é inabalável, Deus a socorre ao romper da manhã.

Povos estrondam, reinos se abalam, ele alteia sua voz e a terra se dissolve.

Iahweh dos Exércitos está conosco, nossa fortaleza é o Deus de Jacó!” (Sl 46,3-8)

No diálogo do Cântico dos Cânticos, Ela, a mulher, intervém no final (4.16), com um apelo dirigido aos ventos frios do norte e aos ventos quentes do sul para que envolvam a ela e ao seu jardim, de modo a fazer emanar com toda a sua intensidade os aromas que nele se escondem. O mundo inteiro em seu eixo vertical norte-sul está concentrado em torno deste jardim-paraíso no qual o amado é convidado a entrar. O oásis fechado é aberto pela própria mulher; o selo da fonte é quebrado e o noivo é chamado para se alimentar dos frutos requintados e estimulantes do amor.

O homem responde aceitando alegremente o convite (5,1).

“Já vim ao meu jardim, minha irmã, noiva minha, colhi minha mirra e meu bálsamo, comi meu favo de mel, bebi meu vinho e meu leite. Comei e bebei, companheiros, embriagai-vos, meus caros amigos!”.

Ele agora está no jardim do amor. Aqui ele é seduzido pelos aromas, aqui ele é revigorado pelo mel que pinga nele, aqui ele é saciado pelo leite mais doce e pelo vinho generoso. Nesta mesa de amor, que cura toda limitação e toda fraqueza, ele se senta como um príncipe.

1.5. A VOZ DO ESPOSO E DA ESPOSA (Ct 2)

Como falamos já todos estes textos mostram a união entre Deus e o Povo através do amor conjugal de um casal: Ela vai ao encontro dele, ele a chama e os dois saem para descobrir o que é a primavera. Ela proclama de pertencer a ele. E parece que os dois estão correndo um atrás do outro. No início parece que ele está correndo atrás dela: “Oh, esta é a voz do meu amado! Ei-lo que aí vem, saltando sobre os montes, pulando sobre as colinas” (v.8).e no final “volta, ó meu amado, Sê como um gamo, amado meu, um filhote de gazela pelas montanhas de partilha”. (v. 17) e à luz do Ct 4,5-6 a partilha evoca o peito da jovem.

Vem, venho: A experiência antropológica do amor é este encontro de “vai e vem”. E este é o amor entre Deus e a humanidade, entre o Cordeiro e a Igreja: “Vem Senhor” ela invoca continuamente e ele “Eis que venho” (Ap 22,20). A presença do Amado dá a cor para todas as coisas. As raposas são aquelas que querem destruir ou atrapalhar este amor. Neste dinamismo do amor existe alguns fatores:

A atesa e o desejo: o jogo das palavras: vem, venho mostram o desejo e a atesa ardente de ver o outro. O amor contém esta atesa, reconhece a voz do Amado, está pronto para acolhê-lo, aliás, vai ao encontro para recebê-lo antecipadamente. O amor por isso capacita a pessoa a permanecer vigiando. O amor é uma contínua novidade. A expressão “eis que vem”, “eis que já” é uma surpresa contínua pela presença do outro.

Cada vez que se encontram é como se fosse pela primeira vez e por isso continua maravilhando-se um para o outro. O amor verdadeiro tem este sinal: a surpresa de cada dia, não sempre igual como se os dois cansados de rotina. É um contínuo desejo de ouvir outro. Algumas vezes ao ler o Ct não sabemos quem é que está falando: “Minha pomba, oculta nas fendas do rochedo, e nos abrigos das rochas escarpadas, mostra-me o teu rosto, faze-me ouvir a tua voz. Tua voz é tão doce, e delicada teu rosto!” (Ct 2,14). Ele quer sentir ela e ela quer sentir ele.

A voz: A voz que traz surpresa é peculiar do homem: Pela primeira vez quando o homem falou, as palavras eram de surpresa, de maravilha, de estupor, de alegria: “esta é a carne da minha carne, osso do meu osso!” (Gen 2,23). O homem fala, ele tem voz, quando encontra-se com a mulher. Até então ele permanece mudo. No Cântico, ela está contente porque ele vem e, ele está

contente porque ela vem, assim como em Gênesis, o homem se alegra e ele tem a voz quando vê “ela”, sua espécie.

A presença e ausência da voz do casal: A voz do esposo e esposa é sinal da vida e da vitória e a ausência desta é sinal do exílio como podemos ver das duas seguintes textos de Jeremias:

Ausência da voz: sinal do exílio: “.Farei cessar entre eles a voz de júbilo e de alegria, a voz do noivo e da noiva, o ruído da mó e a luz da lâmpada” (Jr 23,10). E o versículo seguinte mostra o contexto: ‘Toda esta terra será reduzida a ruína e desolação e estas nações servirão o rei da Babilônia durante setenta anos’ Jr 23,11. Aqui ao contrário da consolação, tem o oráculo da desolação, o oráculo da destruição: cessar a voz do esposo e a esposa é sinal da morte, pois não tem ninguém que garante a vida, é sinal do exílio, sinal da morte. As duas grandes pedras que usam para moer os grãos vão parar aos poucos, pois não tem ninguém para guiá-la. A luz da lâmpada vai se apagar pois não tem mais ninguém que a alimente com o óleo. É o fim de tudo: É o fim da casa (a luz apagada), o fim da vida (o mulino parou e não tem mais o pão), o fim da família e fim da vida (não tem mais a voz do esposo e da esposa). Jr 25,10.

A presença da voz, sinal do retorno: O texto seguinte mostra a mente do Povo ao voltar do exílio:

“Assim disse lahweh: Neste lugar do qual dizeis: “É uma ruína, sem homens nem animais”, nas cidades de Judá e nas ruas desoladas de Jerusalém, onde não há nem homens nem animais, escutar-se-ão de novo gritos de alegria e gritos de júbilo, a voz do noivo e a voz da noiva, a voz daqueles que dizem, trazendo ao Templo de lahweh sacrifícios de ação de graças”. (Jer 33,10-11)

A experiência horizontal (O esposo e a esposa) e vertical (os cantos de louvores) mostram a totalidade da alegria, a totalidade da redenção, a totalidade da restauração, seu relacionamento reestruturado com Deus e entre si. A presença do esposo e da esposa traz mais uma vez o sinal da vida e esperança recomeçada, só eles dois são capazes de dar credibilidade ao futuro, recomeçando novos relacionamentos, abrindo-se para a vida. Só eles podem dizer: vale a pena acreditar no outro e nesse abandono total, que é contrário a qualquer tipo de desesperação, nasce a vida, tornando-se eles capazes de perpetuar a vida através seus filhos. Por isso, unidos elevam cânticos de louvores.

Em Gn 3 o barulho dos passos de Deus suscita medo no casal e se escondem, sentiram-se sucessivamente a vergonha. Na manhã da Páscoa, Maria Madalena ao ouvir o barulho dos passos do Ressuscitado, se prostra aos pés do Mestre, adorando-o reconhece a sua criaturalidade e assim neste novo jardim acontece a restauração do jardim de Éden.

No relacionamento mútuo nasce a primavera: No Cântico, quando tem o relacionamento entre ele e ela (Oh, esta é a voz do meu amado! Ei-lo que aí vem, saltando sobre os montes, pulando sobre as colinas.), tudo vê florescido: “Apareceram as flores na nossa terra, voltou o tempo das canções. Em nossas

terras já se ouve a voz da rola. A figueira já começa a dar os seus figos, e a vinha em flor exala o seu perfume; levanta-te, minha amada, formosa minha, e vem” (Ct 2, 12-13). E eles são conscientes que pode acontecer as fraturas neste amor: “Agarrai-nos as raposas, essas pequenas raposas que devastam nossas vinhas, nossas vinhas já floridas” (Ct 2, 15). De fato, foi o que aconteceu no jardim de Éden, na terra do leite e mel!

1.6. A ALIANÇA ENTRE O ESPOSO E A ESPOSA Ct.

A aliança sempre é recíproca: O relacionamento verdadeiro é um recíproco pertencer: “Eu sou do meu amado e meu amado é meu”(Ct 6,3). A relação humana é sinal e símbolo da relação divina. Se não houver a aliança entre os dois, um comprometimento recíproco, não tem vida. Desde Abraão Deus quando fez uma aliança com seu Povo teve um sinal visível desse comprometimento: como por exemplo a circuncisão (Gn 17,9-12) era o sinal de pertencer a Deus. Entre os casais o anel é sinal da aliança, significa um pertence a outro. E podemos ver algumas características dessa aliança:

1º elemento: Ter o nome do titular: primeiro usa o nome dos dois parceiros e a relação que existe entre os dois: E na aliança entre Deus e o Israel, usa a metáfora sponsal: “Deus de Israel, o esposo” “Povo de Deus, a esposa”. Assim existe um vínculo forte e indissolúvel entre os dois que para falar de um é necessário falar do outro; os dois são uma só carne.

E quando Moisés fez aliança pegou o sangue e aspergiu com o mesmo sangue sobre o altar (simbolizando Deus, um dos partner) e sobre o povo (outro partner), simbolizando que os dois pertencem ao mesmo sangue.

2º elemento: Parágrafo histórico: A história que uniu os dois para estipular a aliança é a história da saída do Egito: “Eu sou o teu Deus que te fez sair do Egito”. Embora os dois parceiros sejam iguais, aqui Deus que é a causa da origem: ele é iniciador, doador e, Israel recebe e reconhece do dom recebido. Deus é origem de Israel e, Israel não é origem de Deus, mas que reconhece do dom recebido. Assim como na vida matrimonial, o casal, apesar da igualdade, os dois devem reconhecer que o outro é dom recebido, é mistério diante do qual deve dobrar-se, respeitar-se e esperar ser revelado aos poucos. O amor, ao mesmo tempo, é um apelo e uma resposta.

3º elemento: declaração da aliança e cláusula (ou seja, a Lei, o decálogo): a lei é o reconhecimento do partner como “outro” com todos os seus direitos e deveres. Existe uma lei porque existe “o outro”, não sou sozinho para fazer o que eu quero.

A lei existe no mundo porque existe o outro, existe uma sociedade, existe a convivência. A lei é sinal da saída do homem egocêntrico, do seu mundo narcísico, solipsico (além de mim existe só eu) da infância para o mundo de relações sociais. A criança até quando é pequena pensa de ser só, pensa que todo mundo está ao redor dela, em função dela e no início não tem a capacidade

de diferenciar nem a própria mãe como ser fora dela. No período de amamentar-se não tem a capacidade de pensar que a mãe é outra pessoa. O outro começa a existir a partir de quando eu reconheço um ser diferente de mim que precisa um seu espaço próprio, um seu jeito próprio que eu devo respeitar. A sabedoria da vida matrimonial está na verdade que os dois seres se unem, mas reconhecendo que o outro é um ser diferente, com personalidade e perspectiva diferente, com que devo respeitar, com todos os seus direitos, pois o outro tem seu jeito próprio de pensar, de agir, de tomar decisões etc. Eis aqui a necessidade da lei para eu sair de mim, sair da minha solidão para ir ao encontro do outro que é diferente de mim. A mesma coisa na vida religiosa e em qualquer vida em comunidade ou sociedade.

4º elemento: Testemunhas: A presença das testemunhas sutilmente diz que existe uma fragilidade dentro da aliança. Se por acaso chegar a romper a aliança entre os parceiros, estas testemunhas serão os próprios acusadores para dizer que verdadeiramente tinha acontecido o contrato. E por isso requer um empenho contínuo da parte dos dois parceiros para manter fiel a aliança feita. Isso vale seja no relacionamento entre Deus e humanidade, vale na vida matrimonial, vale na vida religiosa e sacerdotal.

5º elemento: “Benção e maldição”: Se você estiver fiel à aliança, você será abençoado. Se você subtrair, você será amaldiçoado.

E não tem volta uma vez que confirmou a aliança. Os dois devem se empenhar perpetuamente para manter-se correspondentes. Aonde tem o dom total, a doação é perpétua, não tem volta para atrás.

Para um Cristão, à luz da Páscoa, a aliança com Cristo se perpetua além da morte e, a sua luz penetra no dia a dia da esposa também depois da morte do seu esposo.

O selo: A aliança não tem validade se não houver o selo, a assinatura dos dois. “Põe-me como um selo sobre o teu coração, como um selo sobre os teus braços” (Ct 8,6): o selo é símbolo da autenticidade, mostra a identidade, mostra sua autoria e usa para carimbar os documentos e por isso o guarda debaixo do seu braço ou no seu anel, pois é precioso. Segundo Santo Ambrósio, a virgem consagrada recebe já no Batismo o selo indelével do seu esposo e ela pertence ao esposo e por isso ele a guarda debaixo do seu braço em modo que ninguém a roube, não venha perdido e quer que seja inseparável e por isso coloca perto do seu coração.

1.7. A VIRGINDADE, TEMPO DE ESPERA - Já e ainda não” (Ct)

A primeira parte do Cântico parece que é tempo de já e ainda não: Todo o livro é dividido em três parte:

- 1.O nascimeto do amor;
- 2.O exílio do amor
- 3.O cumprimento ou celebração do amor.

Vamos agora para o nascimento do amor.

O nascimento do amor: Ela e Ele: a esposa e o esposo. O cântico é um hino ao amor sponsal. O amigo chama 5 vezes (4,8-12;5,1) a moça com o título Kallah (noiva) pois ela continua morando na casa dos pais apesar de ter casado os dois juridicamente. Ou pode ser que já juridicamente aconteceu o noivado, já foi dado a dote da noiva, já pertence a ele, mas ainda não estão morando juntos. É tempo de espera.

Ela sozinha e ele sozinho. A mensagem profética pós-exílico é: Para a esposa ele é o que meu coração ama, o meu querido, é único e não tem confusão entre muitas: “o amado entre os jovens como a macieira entre as árvores da floresta, e para o esposo ela é minha querida (2,3), a única “Há sessenta rainhas, oitenta concubinas, e inumeráveis jovens mulheres; uma, porém, é a minha pomba, uma só a minha perfeita; ela é a única de sua mãe, a predileta daquela que a deu à luz” (Ct 6, 8-9; 8,11-12).

O cântico é um dueto e não um monólogo, com igual sentimentos do coração e nas expressões dos dois: o desejo do amor nela: 1,2-4; 1,7; 7,12-14; 8,1-2 e o desejo do amor nele: 2,14; 4,8; 7,7-10. Aliás é ela que fala: “Ah! Beija-me com os beijos de tua boca! Porque os teus amores são mais deliciosos que o vinho (Ct1,2).

E neste dueto do cântico d’amor, ninguém usa a pressão sobre o outro, mas somente o desejo do amor. Várias vezes a Esposa diz: “Filhas de Jerusalém, ...não desperteis, não acordeis o amor, até que ele o queira” 2,7; 3,5;8,4 e o Esposo vai acordar ela: 5,2 e 8,5. O desejo é tensão, é voto, é a certeza do amor, e nunca brutal ou sedução maldosa do amor.

A contemplação da pessoa através do corpo: Ela olhando para ele: 1,15-17; 5,10-16 e Ele olhando para ela: 2,1-3; 4,1-7; 7,1-6. Pois o corpo é a mútua revelação progressiva do corpo e da alma do casal; é transparência e visibilidade do eu ao tu. O corpo é o espaço onde se encarna, se revela a comunhão do amor profundo. É o espaço físico para sair do eu para tu. A paixão pelo corpo é a paixão para a pessoa. E parece que um é doente para outro: Ela é doente de amor por ele: 2,5 e 5,8 e ele é doido de amor por ela: 4,9-10; 6,4-5; 6,12. Nesta entrega total, uma vez que os dois são um só (Gn 2,24), a ausência do outro provoca doenças (Ct 5,8), igual como o Pai do Filho pródigo Lc 15,11.

A virgindade: tempo de espera: Antes do casamento, no tempo de namoro, os dois se conservam sua virgindade, é tempo de espera, é tempo sagrado, é tempo em que o esposo e a esposa conservam seu corpo divinamente para seu esposo. Podemos encontrar no Ct estes sentimentos profundos dos dois: os dois reconhecem na voz do outro sem ver ou tocar no outro (Ct 2, 8-14; 5,8); mostra a impaciência em não poder mostrar publicamente o seu amor antes do tempo (8,1-2). E continuamente a gente vê a expressão: “eu sou do meu amado e ele é meu”(Ct 2,16; 6,3;7,11) assim como Deus fala “tu és meu povo e eu sou do meu povo”(Ex 6,7) e não tem lugar para outra pessoa aí no meio. Um pertence a outro, pois, o amor é exclusivo um para outro.

E São Paulo confirma esta expressão: “Eu vos consagro um carinho e amor santo, porque vos desposei com um único esposo e vos apresentei a Cristo como virgem pura. Mas temo que, como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim se corrompam os vossos pensamentos e se apartem da sinceridade para com Cristo” (2Cor 11,2-3).

A virgindade é o tempo da espera para consumir-se totalmente com o Cordeiro na eternidade. O casamento é símbolo de “já” e a virgindade é tempo de “ainda não” da consumação total da Igreja, da festa nupcial do Cordeiro. A luz do cântico dos cânticos das duas vocações (matrimônio e virgindade) são expressões do amor na sua totalidade. Existe um casamento “virginal” para os casados e um “virgindade sponsal” para as pessoas consagradas.

O véu (Ct 4,1.12):

A esposa aparece debaixo do véu: Ah! Como és bela, minha amiga! Como estás linda! Teus olhos são pombas, por detrás do teu véu... És um jardim fechado, minha irmã e minha esposa, um jardim fechado, uma fonte selada» (4,1.12). O véu é o sinal do pudor que a esconde ao seu próprio esposo.

É o próprio mistério do amor virginal delicadamente guardado atrás de um véu.

No dia da Profissão religiosa, ao entregar o hábito e o véu, o celebrante diz: «Recebe o véu e o santo hábito, sinal da tua consagração, e não te esqueças nunca que foste adquirida por Cristo para servi-lo só a ele e ao seu Corpo que é a Igreja».

A neo-consagrada canta: «O Senhor meteu um selo no meu rosto, para que não admita outro esposo além dele».

O véu da pessoa consagrada tem o significado de ser exclusivamente esposa de Cristo, deve subtrair-se ao olhar de outros possíveis pretendentes e amantes. Por isso ela vive retirada do mundo, no claustro (clausura), para estar sempre sob o olhar de Deus e agradar só a ele com a pureza e a intensidade do amor. Portanto o véu é uma espécie de clausura na clausura, porque também dentro do mosteiro a monja tem um estilo de vida e um modo de relacionar-se com as outras claustrais muito reservado.

Com São Paulo pode-se realmente exclamar que grande é «este mistério» virginal e nupcial» (cf. Efésios, 5, 32).

O rito litúrgico da *velatio virginum* é muito sugestivo. Antigamente o véu usava-se também de cor vermelha e significava que a virgem tinha sido resgatada com o sangue do esposo, Cristo. Por isso, em um dos seus lindíssimos sermões, Santo Ambrósio descreve assim uma mulher consagrada: «Ornada com todas as virtudes, envolvida no véu que se tornou purpúreo com o sangue do seu Senhor, ela avança como uma rainha trazendo sempre no seu corpo a morte de Cristo» (De institutione virginis, 17.109).

À virgindade é também atribuído o carácter de martírio. De fato, ela é considerada uma forma de martírio, por ser uma vida totalmente doada. De consequência, lhe é reconhecida também a dignidade real e é coroada

pelo esposo, rei do universo. O véu, deste modo, assume também o significado de diadema real.

Ao falar do véu, não se pode deixar de dirigir a atenção à Virgem Imaculada, sempre representada com o véu e, por vezes, com um véu tão amplo que cobre o Menino Jesus que tem nos seus braços.

É este o significado místico do véu na cabeça das mulheres consagradas, escondidas do mundo para estarem no coração do mundo e levarem todos os homens ao coração de Cristo, único esposo da Igreja, da humanidade que ele redimiu com o preço do seu sangue, para torná-la santa e imaculada na sua presença. Resplandecente daquela beleza espiritual que deve ser guardada de qualquer profanação, atrás do sagrado véu virginal.

1.8. A INFIDELIDADE - A EXPERIÊNCIA DO EXÍLIO

A história do casal é a história de recomeçar-se, a promessa renovada sempre: No meio do pecado (domínio sobre a mulher da parte do homem, dar à luz o filho nas dores, trabalho-suor-frustração Gn3) e de suas consequências (Gn 4. A multiplicação do pecado) Deus joga a semente da eternidade, a salvação histórica e escatológica, assim como aparece no “protoevangelho” de Gn 3, 15: a descendência da mulher esmagará a cabeça da serpente, do maligno.

A narração sacerdotal da criação (Gn 1)

O povo está no exílio, tudo perdido, longe da terra, longe do Templo (destruído), o povo dividido e separado e dispersos em vários lugares.

O cume da criação é o homem e a mulher que se amam, que se unem e Deus os vê como “muito bom” (Gn1,31).

E Deus os bendisse (heb. Berakh) para eles transmitiram a vida, para eles se tornarem fecundos e geradores da vida. É o tempo de recomeçar a vida, a nova criação Gn 1,22.28. São partner de Deus também, como casal, a imagem e semelhança de Deus, para multiplicar a criação e dominá-la, tomar conta dela. Gn1,26.

Profeta Oséias: Deus casou-se com uma mulher adúltera:

Deus chama Oseias e pede para ele se casar com uma mulher adúltera e perversa e isso para lhe ensinar como é a fidelidade de Deus diante do seu povo Israel que Ele ama como sua esposa.

Qual foi o método? O amar até o fim:

O casal reconhece o elemento da infidelidade. O amor se revela quando o outro é infiel, quando exatamente o seu amor vem rejeitado; no momento da crise que mostra a verdadeira capacidade de amar. O que vem pedido ao profeta é ser fiel diante da infidelidade da sua esposa, ao ponto de casar-se com ela, apesar da situação de traição.

O fiel esposo que entra na esposa pecadora, prostituta, não para tornar-se igual a ela, mas transformá-la no amor, transformar a traição no amor. O amor se

manifesta na sua capacidade de ir até ao fundo do outro. É no momento da crise, diante da infidelidade que manifesta até onde o outro é capaz de amar, consegue resistir. O profeta é convidado a mostrar na sua vicissitude pessoal o rosto de Deus. O acontecimento de Oséias é de ter casado uma mulher que era adúltera, uma mulher prostituta.

A acusação como caminho: Qual é o procedimento? Primeiro ele acusa: Os 2,4. “Protestai contra vossa mãe, protestai, porque já não é minha mulher e já não sou seu marido”.

Na Bíblia a acusação é sempre um caminho do perdão, para o pecador reconhecer o seu erro. Gn 4: Deus pergunta a Caim: “Por que seu rosto está abatido? O pecado está na porta espreitando-te, mas tu podes dominá-lo”. Mas Caim não deu mínimo escuta às palavras de Deus e foi deixando prevalecer nele os impulsos e não sua razão.

Assim quem acusa na Bíblia não tem intenção de fazer-lhe mal. A acusação não é para colocar o outro na parede, nem para jogar culpa sobre o outro, mas para reconhecer e voltar para o amor, para a comunhão inicial. O perdão precede a acusação. Acusa outro só para tomar consciência do que está fazendo, para enxergar a sua verdade: “não é minha mulher e já não sou seu marido”. A intenção é salvá-la, por isso diz acusando ela: “para que eu não a desnude como no dia de seu nascimento e não a torne como um deserto; para que eu não a reduza a uma terra seca e não a deixe perecer de sede” Os 2,5.

Punição: Ele quer salvá-la de qualquer modo e por isso coloca a punição, não para fazê-la morrer, mas para resgatá-la. A intervenção de Deus não para matar, nem para condenar, mas salvar: “fecharei com espinhos o seu caminho; cercá-lo-ei com um muro e ela não encontrará mais saída... retirarei minha lã e meu linho, com que cobria a sua nudez... Eu a farei expiar os dias de Baal, quando lhe queimava ofertas, ataviada de seu colar e de suas jóias para cortejar os seus amantes, sem pensar mais em mim” Os 2,8.11.15

Pecado multiplicado: E ainda “Não terei compaixão de seus filhos, porque são adúlteros” (Os 2,6). Os filhos da prostituta trazem consigo suas sementes da prostituição. São símbolos do mal multiplicado, não fruto de “uma só carne”, mas fruto do pecado multiplicado. Aonde tem multiplicidade não tem unidade, não tem um só coração.

A idolatria: a esposa prostituta cai na idolatria! Quando vá atrás de vários amantes, quando não é mais uma só carne, segue o outro para alcançar as graças, para receber os dons, os presentes que ela quer. “Seguirei os meus amantes, que me dão pão e água, minha lã e meu linho, meu óleo e minha bebida” (Os 2,7 e Ez 16). É a verdadeira idolatria. Vá atrás de deuses para alcançar as graças que ela quer. Não mais o amor é abandono completo no outro, mas pretender do outro o que ela quer.

Será a mesma tentação que Jesus no deserto vai enfrentar: Satanás lhe fala “eu te darei tudo isso se prostrarás diante de mim” (Mt 4). O relacionamento com Deus não é mais “faça-se em mim a tua vontade”, mas faça isso e outro para mim, pois eu preciso. “Eu que decido o que eu quero, eu sei” é a mentalidade de Adão e Eva junto com a serpente. Tornar-se igual a Deus a ponto de decidir meu futuro, ter o conhecimento total em modo que eu possa decidir o que é bom para mim e não preciso de Deus, de outra pessoa para decidir por mim. E o que importa é alcançar os bens que eu preciso assim como os filhos de vários pais se aproximam aos pais para o dinheiro e não pelo amor. Ou, a mulher precisa de dinheiro para criar seus filhos, por isso cada mês procura ele, não pelo amor ao marido. O relacionamento de Israel tornou-se assim com Deus. Quando quer uma graça ou procura um baal ou procura Deus! A fé tornou-se pura idolatria.

O que é ídolo? É “o deus feito segundo minha imagem, segundo minha medida”. Faço um sacrifício para obter uma graça, faço isso a fim de ganhar aquela graça. Eu que construo o meu deus, eu que decido como deve ser o meu deus, o que ele deve fazer. É o modelo de Deus segundo a minha criatividade. E assim, a minha certeza de amanhã está em mim. Eu acumulei estas virtudes, acumulei este tamanho de sacrifício e agora posso dormir tranquilamente porque já fiz o que devo fazer. A salvação assim não é mais gratuidade de Deus, mas o esforço dos meus méritos.

OSÉIAS:

O castigo diante da infidelidade: “Porei fim a todos os seus divertimentos, suas festividades, suas luas novas, seus sábados e a todas as suas festas. Devastarei sua vinha e sua figueira, das quais dizia: Eis a paga que me deram meus amantes. Farei delas um matagal, que os animais selvagens devorarão. (Os 2,13-14)

Deixar a esposa experimentar o deserto: Ele vai tirar tudo para ela enxergar a verdade e voltar para seu primeiro amor. Ela deve ir atrás do Amado e não atrás dos presentes. O seu relacionamento é com Deus e não com as coisas. Por isso ele disse: “retomarei o meu trigo no seu tempo, e o meu vinho na sua estação; retirarei minha lã e meu linho, com que cobria a sua nudez. (Os 2,11). O intervindo de Deus será fazê-la tornar nua, voltar para sua origem. Não ficar mais dependendo das coisas, mas do seu criador. O caminho da ausência de Deus, o caminho da nudez e da morte é o caminho para voltar a Deus.

Ela esqueceu de mim indo atrás de outros deuses. E agora levarei ela para o deserto e lá vou me deixar atraído por ela e vou me casar com ela. É esta a lógica de Deus: fazendo-a passar a experiência da morte devolvê-la a vida, a fecundidade, o sentido da vida; experimentando a ausência de Deus, sentir a presença de Deus! Só assim, no deserto a prostituta vai se tornar a virgem, a esposa, a morte transforma em vida: “Desposar-te-ei para sempre, desposar-te-ei conforme a justiça e o direito, com benevolência e ternura. Desposar-te-ei com fidelidade, e conhecerás o Senhor” (Os 2, 21-22).

O matrimônio é para Oseias o lugar onde se aprende a recomeçar tudo de novo.

São Jeronimo dizia que na vida matrimonial, quando um homem pega uma virgem ela torna-se uma mulher e não mais virgem e quando Deus pega uma mulher, que seja até uma prostituta, ele transforma-a em virgem, esposa. Isso é o milagre do amor. O casal cristão é chamado a fazer esta experiência: transformar o parceiro infiel não virgem em fiel virgem.

EZEQUIEL:

Podemos ler mais um texto onde mostra a fidelidade de Deus diante do seu Povo apresentado como esposa prostituta no Ez 16:

Cobri-te com vestes bordadas, calcei-te com sapatos de couro fino, cingi-te com uma faixa de linho e te cobri com seda. Eu te cobri de enfeites: pus braceletes nos teus punhos e um colar no teu pescoço; pus uma argola no teu nariz e brincos nas tuas orelhas e um belo diadema na tua cabeça. Tu te enfeitaste de ouro e prata; os teus vestidos eram de linho, seda e bordados. Alimentavas-te de flor de farinha, mel e azeite. Assim te tornavas cada vez mais bela, até assumires ares de realeza. A tua fama se espalhou entre as nações, por causa da tua beleza que era perfeita, devido ao esplendor com que te cobrias, oráculo do Senhor Iahweh.

Tu porém, puseste a tua confiança na tua beleza e, segura de tua fama, te prostituíste, prodigalizando as tuas prostituições a todos os que apareciam. Tomaste dentre os teus vestidos e com eles fizeste lugares altos e de várias cores e aí te prostituíste. Tomaste os teus enfeites de ouro e prata, que eu te dera, e com eles fabricaste imagens de homens, com os quais te prostituíste. Tomaste também os teus vestidos bordados e as cobriste. Ofereceste o meu azeite e o meu incenso diante delas. O pão que te dei — a flor de farinha —, o azeite e o mel com que te alimentei, tu os ofereceste diante delas como um perfume destinado a apaziguá-las. Sucedeu — oráculo do Senhor Iahweh — que tomaste os teus filhos e as tuas filhas que me tinhas dado à luz e os imolaste a elas, a fim de que os comessem. Seria isto menos grave do que as tuas prostituições? Mataste os meus filhos e os fizeste passar pelo fogo, oferecendo-os a elas. No meio de todas as tuas abominações e prostituições não te lembraste da tua juventude, quando estavas completamente nua, a debater-te no teu sangue. Tu te prostituíste com os egípcios, teus vizinhos corpulentos, multiplicando as tuas prostituições para me encheres de mágoa. Por não te teres saciado, te prostituíste com os assírios. Sim, te prostituíste com eles, mas nem assim te saciaste; multiplicaste as tuas prostituições com os caldeus, com a terra dos mercadores, mas nem assim ficaste saciada. Como era fraco o teu coração — oráculo do Senhor Iahweh — fazendo tudo isso, ação própria de uma prostituta insaciável! (Ez 16,10-22.27-30).

CANTICO DOS CANTICOS:

A segunda parte do Ct é a experiência da ausência do Esposo, é a experiência do exílio: No amor sponsal, os dois podem se perder, mas devem logo reencontrar-se. Ainda um dueto:

A fuga dele (Ct 3,1-5): “Durante as noites, no meu leito, busquei aquele que meu coração ama; procurei-o, sem o encontrar”: e a noite ela enfrenta todas as dificuldades e vá ao encontro do esposo e ao encontrar-se não se brigam, continua mostrando o maior respeito com ele.

A fuga dela (5,2-8): Ela voltou para a casa dos seus pais e o amado atrás procurando ela, chega até suas janelas. Ela atrasou levantar-se e ele vai embora. Ela depois se levanta e vai atrás dele procurando-o. Ela sofre pois foi considerada pelos guardas como uma prostituta, ferida por eles vai em procura do seu amado.

A consequência da fuga e do erro cometido: a esposa se encontra nua, ferida e maltratada (Ct 5,7) e ao procurar de novo seu amado ela não está sozinha (Ct 6,1), mas também suas amigas, as filhas de Jerusalém, aqueles que estavam no casamento (Ct 3,7.10.11) e as testemunhas do casamento.

E ao encontrar-se celebra de novo o amor, que é o terceiro elemento. Pronto para morrer um para outro. cap.7; Põe-me como um selo sobre o teu coração, como um selo sobre os teus braços; porque o amor é forte como a morte, a paixão é violenta como o cheol (8,6). As torrentes não poderiam extinguir o amor, nem os rios o poderiam submergir. Se alguém desse toda a riqueza de sua casa em troca do amor, só obteria desprezo (8,7).

Sta Terezinha cita na sua experiência de enfermidade, vendo-a como uma rosa desfolhada diante do crucifixo: “Por Ti devo morrer, beleza eterna e viva que sorte de ouro! Desfolhando-me dou prova definitiva. Que és o meu tesouro! Ó Senhor meu, como nos aproveitamos mal de todos os bens que nos dais! Vossa Majestade buscando modos, maneiras e artifícios para mostrar o amor que nos tendes; nós, pouco experientes em amar-vos, temo-vos em tão pouco que, de tão mal exercitados nisso, permitimos que os pensamentos vão para onde estão sempre e deixam de pensar nos grandes mistérios que esta linguagem, dita pelo Espírito Santo, encerra em si. Que mais seria necessário para nos acender em Seu amor e pensar que boa razão tivestes para empregar este estilo?” (Das poesias de Sta Terezinha).

2. AS PROFECIAS MESSIÂNICAS

DO ANTIGO TESTAMENTO

No Antigo Testamento encontramos inúmeras profecias sobre o tempo da vinda do Messias, Sua vida, Seu ministério terreno.

Com o passar dos anos, Deus, por meio dos escritores sagrados, acrescentou detalhe após detalhe até que - como um grande e maravilhoso mosaico - o Messias e Sua obra foram tão bem descritos que eram perfeitamente reconhecíveis por qualquer pessoa que buscasse sinceramente a verdade. Aqui, de forma esquemática, são descritos os passos messiânicos mais importantes. Nos Evangelhos, e especialmente em Mateus (que escreve para seus

companheiros judeus), é feita referência contínua ao cumprimento de antigas profecias messiânicas na vida de Jesus Cristo:

1. A Descendência de Cristo: Em Gênesis 3,15, na primeira promessa de um Salvador feita a Adão e Eva imediatamente após o pecado, o futuro Messias é simplesmente definido como "a descendência da mulher" (onde a mulher, segundo a terminologia bíblica, é entendida como "o povo de Deus") que esmagará a cabeça da serpente (Satanás) e o vencerá, mas será ferido por ele no calcanhar (o Diabo teria causado a morte do Salvador).

Quando Deus chamou **Abraão** para deixar sua terra e ir para uma "terra que eu lhe mostrarei", Ele também especificou: "Em você serão benditas todas as famílias da terra" (**Gênesis 12,1-3**). Esta passagem sempre foi entendida como messiânica; De fato, como Abraão e sua descendência poderiam ser uma fonte de bênção para o mundo inteiro, se não por causa do Messias prometido que nasceria da linhagem do patriarca descendente de Sem, filho de Noé? Em **Gênesis 49,10** encontramos Jacó dando sua bênção aos seus doze filhos antes de morrer, fazendo um esclarecimento importante: "Aquele que dá descanso, e a quem o povo obedecerá" seria um descendente da tribo de Judá. "O cetro não se afastará de Judá, nem o bastão de chefe de entre seus pés, até que o tributo lhe será trazido e que lhe obedecem os povos".

Em **Jeremias 23,5-6/33,14-16**, é especificado que, entre todas as famílias de Judá, seria a do Rei Davi que teria o privilégio de contar entre seus descendentes o "Renovo justo" que "será chamado: O SENHOR, Justiça Nossa", a quem todos os judeus identificaram com o tão esperado Messias.

2. O nascimento em Belém: O texto do profeta **Miquéias (5,1-2)** é muito preciso quanto ao local de nascimento do Ungido do Senhor: "Mas de ti, Belém Efrata... sairá aquele que há de reinar em Israel, cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade..." (Mt 2,3-6).

3. O Precursor: João Batista: Isaías 40,3-5 e Malaquias 3,1 anunciaram o aparecimento de um "precursor", descrito pelo **profeta Isaías** como "uma voz clama: No deserto preparem o caminho do Senhor! Façam no ermo uma estrada reta para o nosso Deus..." (Mateus 3,3). Deus então o definirá, por meio do profeta Malaquias, como "meu mensageiro" que "prepara o caminho diante de mim" (ver Mateus 11, 9-10).

4. Nascido de uma virgem: Isaías 7,14 diz que uma jovem virgem conceberia e daria à luz um filho chamado Emanuel. O Arcanjo Gabriel, aparecendo a José (Mt 1,23), depois de lhe ter ordenado que chamasse o menino Jesus (que significa "Javé salva"), lembra-lhe esta profecia de Isaías. Obviamente, o nome 'Emanuel' teve que ser tomado por seu significado etimológico (muito importante para os povos semitas); na verdade, 'Emanuel' significa "Deus conosco": o próprio Deus estava prestes a nascer como homem no mundo!

5. Ele teria sido o Filho de Deus: O **Salmo 2,7** diz: "O Senhor me disse: 'Tu és meu Filho; hoje te gerei'" . Em Atos 13,33 e Hebreus 1,5/5,5, o apóstolo Paulo aplica este salmo a Cristo. Em **Mateus 22,41-46**, encontramos Jesus fazendo os fariseus refletirem, perguntando-lhes de quem seria descendente o Messias prometido. Os fariseus responderam sem hesitação que ele seria o "**filho**" de **Davi**, ou seja, ele deveria ser de linhagem "real".

Balaão já havia previsto isso, logo após o êxodo de Israel do Egito: "Eu o vejo, mas não agora; eu o contemplo, mas não de perto; uma estrela se move de Jacó, um cetro se levanta de Israel..." (Números 24,17).

Cristo então responde aos doutores da lei citando o Salmo 110,1 que diz: "O Senhor diz ao meu Senhor: 'Senta-te à minha direita até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés'". Então ele pergunta: "Se então Davi o chama Senhor, como ele é seu filho?" Os fariseus não sabiam o que responder: o Mestre queria que eles entendessem Sua descendência "humana" de Davi, mas também Sua descendência divina do próprio Deus.

6. A fuga para o Egito e o massacre dos inocentes: **Oséias 11,1** é uma passagem em que Deus fala do povo escolhido, dizendo: "Do Egito chamei meu filho", enquanto **Jeremias 31,15** se refere às mulheres da Judeia que choram seus filhos mortos durante o cerco dos babilônios: "Uma voz se ouviu em Ramá, lamentação e choro amargo, Raquel chorando seus filhos e se recusando a ser consolada..." . Como muitos textos do Antigo Testamento, esses versículos têm um duplo significado: um significado histórico contemporâneo ou futuro iminente e um significado messiânico. Em seu evangelho, Mateus (2,15.18) as aplica, referindo-se ao retorno da família de Jesus da fuga para o Egito e ao massacre de inocentes perpetrado por Herodes, que queria eliminar o Messias.

7. Data do batismo e da morte: No livro do profeta **Daniel (9,24-27)**, encontramos uma grandiosa profecia messiânica que especificava a data do início do ministério público de Cristo, que coincidia com o Seu batismo, bem como a data da Sua morte.

8. Os milagres realizados: **Isaías 35,5-6** fala dos grandes e variados milagres que o Ungido do Senhor realizaria, milagres que são relatados em todos os Evangelhos.

9. Ele falaria em parábolas: O **Salmo 78,2** prediz a prática de apresentar ensinamentos em parábolas, que Jesus realmente usou extensivamente durante Seu ministério terreno. Quando perguntado por seus discípulos sobre o porquê desse seu estilo, o Salvador citou uma passagem de **Isaías 6,9-10** que destacava a dureza do coração do povo de Israel que "ouvia com os ouvidos, mas não entendia; via, mas não via..." Na prática, Jesus dá a entender que falava por parábolas, porque somente aqueles que buscavam sinceramente as verdades profundas vão poder entender o significado simbólico do que o Mestre estava dizendo.

10. Ele habitaria na Galiléia: Isaías 8,23; 9,1 fala da glória que aquela região de Israel veria, por causa da presença do Messias (cf. Mateus 4:12-16).

11. Ele seria uma Luz e Salvação para todas as nações: Isaías 42,6-7; 49,6; 56,8 fala do Ungido do Senhor sendo uma luz para todas as nações do mundo e não apenas para o povo de Israel. Simeão, um homem piedoso que, avisado pelo Espírito, reconheceu no recém-nascido Jesus o Messias que ele esperava há tanto tempo, falou dele como a "Luz para revelação aos gentios e para glória do teu povo Israel" (**Lucas 2,32**).

12. A Pedra Angular: Salmo 118,22-23 e Isaías 28,16 falam de um fundamento lançado pelo Senhor, uma pedra angular sólida e preciosa, que, no entanto, seria rejeitada. Jesus aplica essas passagens a si mesmo (**Mateus 21,42 e paralelos**). Também é mencionado nas epístolas.

13. A entrada triunfal em Jerusalém: Zacarias 9,9-11 diz: "... Teu Rei vem a ti, Ele é justo e vitorioso, humilde e montado num jumento, no filho de uma jumenta..." . O **Salmo 8,2** fala de louvores que saem da boca das crianças. Ambas as coisas se tornaram realidade quando Jesus, uma semana antes de Sua morte, entrou triunfantemente em Jerusalém montado num jumentinho, enquanto as crianças ao redor dele gritavam: "Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas" (**Mateus 21**).

14. Ele seria odiado sem razão: No **Salmo 69,4.7.8** Davi falou do ódio que sentia por ele, sem qualquer razão. Esta passagem também era messiânica, como muitos outros salmos. **João 15,24-25** aplica este texto a Cristo.

15. Ele teria sido traído por um amigo: Novamente em um salmo de Davi (**Salmo 41,9**) foi dito: "Até meu amigo... que comia do meu pão, levantou o calcanhar contra mim.". Em **João 13,18**, o mesmo texto se aplica à traição de Judas.

16. A angústia de Cristo antes da morte é prevista: O **Salmo 22** é um dos salmos messiânicos por excelência. Nos vv. 11-15 prediz a angústia que tomaria conta de Cristo ao pensar na separação do Pai, por causa do pecado do mundo que pesava sobre Ele.

17. Ele seria abandonado pelos seus discípulos: Em **Mateus 26,31** lemos que Jesus, prevendo o terror que sentia quando todos os discípulos fugiram, aplica a ele uma profecia contida em **Zacarias 13,7**: "Então Jesus lhes disse: Esta noite todos vocês ficarão escandalizados em mim, porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho se dispersarão."

18. Os Trinta Siclos e o Campo do Oleiro: Em **Zacarias 11,12-13** encontramos uma profecia surpreendente na qual o próprio Deus fala, por meio do profeta,

dizendo: "Se te parecer bem, dá-me o meu salário; mas se não, fica com ele. E pesaram-me o meu salário, trinta siclos de prata. E o Senhor me disse: Arroja ao oleiro, esse excelente preço em que me estimaram. Então tomei os trinta siclos de prata, e os arrojé ao oleiro, na casa do Senhor". Esta profecia é citada em **Mateus 27,9-10**. Sabemos de fato que Judas traiu o Mestre por essa quantia. "Então, percebendo o que havia feito, ele jogou as trinta moedas de prata no templo. Os fariseus disseram: "Não é lícito depositar essas coisas no cofre, porque são preço de sangue. E, tendo consultado, compraram com o dinheiro o campo do oleiro, para sepultamento de estrangeiros." (Mt 27,6-7).

19. Maltratei: **Isaías 50,6; 53,7** prediz que o Filho de Deus sofreria maus-tratos, cuja descrição se encontra em todos os últimos capítulos dos Evangelhos.

20. Os escarnecedores: No **Salmo 22,7-8** lemos: "Todos os que me vêem zombam de mim, esticam os lábios e balançam a cabeça, dizendo: Confiou-se ao Senhor; portanto, livre-o e ajude-o, pois dele se agrada!". Em **Mateus 27,39-43** podemos ler estas palavras ditas sarcasticamente pelos doutores da lei e pelos anciãos do povo judeu antes da cruz.

21. Seus sofrimentos e morte expiatória: **Isaías (52,13-15 ; 53)**, o profeta messiânico, descreveu a angústia, o sofrimento e a morte expiatória do Salvador. Ele profetizou que quando estava morto seria sepultado no túmulo de um homem (53,9), como de fato aconteceu, sendo este homem o José de Arimatéia.

22. Morte na cruz, as roupas divididas: Novamente no **Salmo 22,12-20**, diz:

Não fiques longe de mim, pois a angústia está perto e não há quem me socorra. Cercam-me touros numerosos, touros fortes de Basã me rodeiam; escancaram sua boca contra mim, como leão que dilacera e ruge. Eu me derramo como água e meus ossos todos se desconjuntam; meu coração está como a cera, derretendo-se dentro de mim; seco está meu paladar, como um caco, e minha língua colada ao maxilar; tu me colocas na poeira da morte. Cercam-me cães numerosos, um bando de malfeitores me envolve, como para retalhar minhas mãos e meus pés. Posso contar meus ossos todos, as pessoas me olham e me vêem; repartem entre si as minhas vestes, e sobre a minha túnica tiram sorte. Tu, porém, lahweh, não fiques longe! Força minha, vem socorrer-me depressa! (Sl 22,12-20).

Tudo aconteceu na morte de Cristo de forma surpreendente, quando o venderam aos romanos, quando o crucificaram, quando compartilharam Suas vestes, como era costume então.

João 19,23-24, citando este salmo, descreve: o soldado, vendo que a túnica de Jesus era sem costura e portanto de boa qualidade, resolve sortear entre eles.

23. Beber vinagre e a morte de um coração partido: O **Salmo 69,20-21** fala de um coração partido pela dor... acredita-se que esta foi precisamente a morte de Jesus: de fato, Pilatos ficou surpreso que ele tivesse morrido tão rapidamente, já que a tortura da cruz havia sido especificamente projetada para durar muitas horas. O salmo também fala de fel e vinagre sendo oferecidos para beber (cf. **Mt 27,33.34.48**).

24. "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?": No **Salmo 22,1** encontramos a mesma frase que Jesus pronunciou antes de morrer, sentindo-se separado do Pai: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste, descuidado de me salvar"! Todos os pecados do mundo pesavam sobre Ele e foi justamente isso que causou Sua morte (**Mt 27,46**).

25. Nenhum osso seria quebrado: Em **Êxodo 12,46** e **Números 9,12**, entre outras instruções relacionadas à Páscoa, encontramos a prescrição de comer o cordeiro sem quebrar nenhum de seus ossos. Agora, sabemos que a Páscoa judaica, além de lembrar a passagem (do significado da palavra 'Páscoa') da escravidão para a liberdade de Israel, também prefigurava o sacrifício expiatório do Messias prometido.

Os soldados romanos que vieram - como era o costume - para quebrar os ossos das pernas e apressar sua morte, porque o sábado estava prestes a começar, encontraram-no já morto e não o tocaram, exceto para perfurar seu lado com uma lança para garantir que ele estava morto (**João 19,36**, que cita as duas passagens do Antigo Testamento indicadas acima).

26. Ele não sofreria a decadência da morte: Lemos no **Salmo 16,10**: "Pois não deixarás a minha alma no Sheol (= sepultura), nem permitirás que o teu Santo veja corrupção". Em **Atos 2,27.31; 13, 35-37** esta passagem é aplicada à ressurreição de Cristo, cujo corpo não sofreu as consequências físicas da morte.

27. A Ascensão: Nos **Salmos 24,7-10 e 68,18**, encontramos a ascensão de Cristo ao céu predita, após a ressurreição (cf. **Atos 1,9; Efésios 4,7-8**).

28. Sua Obra Sacerdotal no Céu: Em **Zacarias 6,12-13** encontramos especificado que o Messias, chamado "o Rebento", realizará uma obra sacerdotal no Templo de Deus. Basta ler a epístola aos Hebreus para encontrar tudo isso explicado.

3. OS QUATRO CÂNTICOS DO SERVO

A vocação do Servo (Is 42,1-4)

Missão (Is 49, 1-6)

Resistência (Is 50,4-9)

Martírio do Servo (Is 52,13-53,12)

Um Servo exaltado por Deus, mas rejeitado pelo povo. No quarto Canto o Servo aceita sua situação sem protestar, em silenciosa resignação e alcança sua vitória³

JONAS

Jonas é um profeta do **século VIII a.C.** de Gat-Ofer, uma pequena cidade da Galileia perto de Nazaré. Aparece pela primeira vez na Bíblia para prever que Jeroboão II de Israel restabeleceria as fronteiras da nação "desde a entrada de Emat até o mar da Arabá (o Mar Morto)" (**2 Reis 14,25**).

O livro de Jonas, que contém a história bem conhecida sobre ele, provavelmente foi escrito muito mais tarde, entre os séculos VI e IV, numa época em que sua ideia central — que Deus se preocupa com todas as nações e não apenas com Israel — havia se tornado um tema importante na vida religiosa judaica.

Jonas é o único dos 12 textos chamados Profetas Menores que contém uma profecia extremamente limitada; sua declaração: "Ainda quarenta dias e Nínive será destruída" (Jn 3,4).. Em vez de relatar uma série de oráculos, o livro conta como Jonas foi engolido por um "grande peixe" e sobreviveu "no ventre do peixe três dias e três noites" (Jn 2,1).

A história começa com a ordem de Deus a Jonas: "Levanta-te, vai a Nínive, a grande cidade, e anuncia contra ela que a sua maldade chegou até mim". (Jn 1,2). Nínive, a capital do poderoso império assírio, uma cidade tão vasta que levava três dias para atravessá-la, foi chamada de "cidade sanguinária, toda cheia de mentira, cheia de despojos, onde não cessa a rapina!" (Na 3,1), pelo profeta Naum.

Era certamente odiado pelos israelitas, cujo reino do norte havia caído para a Assíria em 721 a.C. Jonas decidiu desobedecer a Deus: foi até o porto de Jafa e embarcou em um navio com destino a Társis, um local talvez localizado nas regiões mais ocidentais do Mediterrâneo, na esperança de ficar o mais longe possível de Nínive e fora do alcance de Deus.

Enquanto o navio estava no mar, Deus levantou uma grande tempestade que ameaçou naufragar o navio. Os marinheiros invocaram seus deuses e o capitão desceu para acordar Jonas, que estava dormindo no porão, para que ele pudesse fazer o mesmo. Quando os marinheiros lançaram sortes para descobrir se algum deles era o culpado pela tempestade, Jonas foi identificado como o responsável.

Percebendo que Deus havia provocado a tempestade por causa de sua desobediência, Jonas pediu para ser jogado ao mar. Os marinheiros

³ ARNOLD; BEYER, 2001, p. 374-5.

obedeceram relutantemente, e assim que Jonas tocou as ondas, o mar ficou calmo.

Engolido pelo peixe, Jonas pediu ajuda a Deus. Ao ouvir a oração angustiada do profeta, "o Senhor ordenou ao peixe, e ele vomitou Jonas em terra firme" (Jn 2,11). Deus novamente ordenou que Jonas pregasse em Nínive, e desta vez o profeta obedeceu.

O que deveria fazer em três dias ele fez num dia!

Já depois do primeiro dia em Nínive, o rei e o povo se arrependeram, vestiram-se de saco e até colocaram saco em seus animais como sinal de penitência. Em resposta ao arrependimento dos habitantes, "E Deus viu as suas obras: que eles se converteram de seu caminho perverso, e Deus arrependeu-se do mal que ameaçara fazer-lhes e não fez" (Jn 3,10) e assim decidiu de não destruir a cidade.

Jonas ficou furioso pela bondade de Deus para com os ninivitas! . Ele desobedeceu a Deus desde o início por medo de que Deus eventualmente mostrasse misericórdia a Nínive.

Sentado sob o sol escaldante, ele clamou pela morte; Em vez disso, Deus fez crescer uma planta de mamona, que lhe daria sombra com suas grandes folhas. No dia seguinte, a planta secou e o profeta se viu novamente sob os raios escaldantes do sol. Irritado porque Deus havia enviado um verme para destruir a planta, Jonas implorou novamente para morrer. As últimas linhas do livro declaram a mensagem. Deus disse a Jonas: "Você está preocupado com a árvore e eu não deveria ter compaixão de Nínive, aquela grande cidade, na qual vivem mais de cento e vinte mil pessoas?" (Jn 4,10;11). Mais tarde, Jesus traçaria um paralelo entre os "três dias e três noites no seio da terra" (Mt 12,40) que ele enfrentou após a crucificação e os dias e noites que Jonas passou no ventre do peixe.